

## A TEOLOGIA NA HISTÓRIA – A HISTÓRIA NA TEOLOGIA \*

*Elisabeth Reinhardt* – Universidade de Navarra

*Resumo:* Teologia e história estão unidas em sua origem mesma. Por um lado, o desenvolvimento da teologia no tempo é objeto da ciência histórica. Por outro lado, a teologia como ciência é inseparável da história, porque sua fonte, que é a Revelação divina, se oferece na história da humanidade, sua transmissão se realiza no tempo através de pessoas e instituições e seu trabalho de verificação precisa do método histórico. A relação equilibrada entre o método filosófico-especulativo e o histórico no estudo e na transmissão do conteúdo revelado garante a vitalidade da teologia ao mesmo tempo que sua fidelidade à verdade.

*Palavras-chave:* História da teologia, ciência teológica, teólogos, Tomás de Aquino.

*Abstract:* Theology and History are joined by their same origin. By one hand, the development of Theology thru the time is the object of the historical science. By the other hand, Theology as science is inseparable of History because its source – the divine Revelation – offers itself on human's History, its transmission happens on the time thru people and institutions and its work of verification needs the historical method. The balanced relationship between the philosophical-speculative method and the historical one in the study and in the transmission of the revealed subject guarantees Theology's vitality at the same time that its fidelity to truth.

*Keywords:* History of Theology, Theological Science, Theologians, Thomas Aquinas.

### 1. INTRODUÇÃO.

Ao concluir meu itinerário acadêmico em Teologia medieval e moderna cabe refletir sobre a relação entre história e teologia. No meu caso, tal reflexão vem respaldada pela experiência vivida na aquisição dos conhecimentos teológicos e filosóficos.

Em meu contato com a teologia me atraía desde o princípio a dogmática ou sistemática, e mais em concreto me interessavam as obras de Tomás de Aquino. Por isso, ao elaborar minha tese doutoral sobre a imagem de Deus no homem, mergulhava nos textos do Aquinate, refletindo sobre eles, sem prestar excessiva atenção nem aos contextos nem à história. Na realidade, nunca havia pensado em me especializar em Teologia histórica, mas ainda sem pretendê-lo, a tese doutoral supôs um primeiro contato com a história. Muito

---

\* Texto algo modificado da conferência proferida pela autora no seminário de professores da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra, Pamplona (Espanha), no dia 17 de maio de 2007.

mais tarde, ao me preparar para a docência, descobri a importância da história com relação à teologia. Pode-se dizer que aprendi história, não precisamente fazendo um curso, mas na linha dos temas que trabalhava e com as orientações *ad casum* do professor Josep Ignasi Saranyana. Portanto, minha formação histórica se desenvolveu em grande parte como autodidata. Esses trajetos histórico-temáticos, trabalhosos às vezes, se refletem de alguma maneira nos escritos que reuni sob o título “*Por las rutas do saber medieval*” e que a Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra me ofereceu para publicar como livro ao finalizar minha docência<sup>1</sup>. Porém não vou comentar o livro, mas falar da perspectiva que agora me oferecem esses trabalhos. Faça em duas etapas, já expressas no título da exposição: A teologia na história – a história na teologia, o que não é uma tautologia como poderia parecer.

## 2. A TEOLOGIA NA HISTÓRIA

Refiro-me ao decurso histórico da teologia ou “história da teologia”, que é inseparável da Igreja mesma e de sua história, ao mesmo tempo em que está vinculada à vida dos teólogos. A tarefa de historiar a teologia implica muitos aspectos. Vou assinalar alguns.

### A) O ENFOQUE CENTRADO NOS PROTAGONISTAS

Objeto da História da teologia como disciplina são, em primeiro lugar, os próprios teólogos, em seu contexto e com suas obras. Não me refiro a uma mera prosopografia, ainda que seja importante para alcançar dados fiáveis. Porém, como o expressava o professor Josep Ignasi Saranyana no título de um livro, se trata de uma aproximação aos “grandes mestres da teologia”<sup>2</sup>. Deter-se neles e estudar suas obras com o método histórico, leva a descobrir aspectos, em ocasiões, pouco conhecidos, a matizar juízos e, se é o caso, a superar lugares comuns ou opiniões pouco fundadas. Trago apenas alguns exemplos, tomados da época medieval.

Começo por Santo Anselmo. Serviu-me, para conhecer melhor seu valor como teólogo o opúsculo *De processione Spiritus Sancti*, que remonta à sua intervenção no sínodo de Bari de 1098, importante por sua intenção unionista depois do cisma de 1054. Este escrito não apenas é uma jóia de teologia

---

<sup>1</sup> REINHARDT, E. *Por las rutas del saber medieval*. Pamplona: Eunsa (“Colección Historia de la Iglesia”, 37), 2007.

<sup>2</sup> SARANYANA, J.I. *Grandes maestros de la teología. I. De Alejandría a México (siglos III a XVI)*. Madrid: Sociedad de Educación Atenas, 1994.

especulativa, mas adianta em alguns aspectos as precisões dogmáticas do Concílio de Florença.

Outro exemplo pode ser Ricardo de São Vítor, a quem eu havia classificado entre os místicos medievais, seguindo a informação manualística. Depois do estudo direto de sua obra, pude admirar também seu rigor especulativo, sua exegese polifacetada e seu interesse pela história da salvação que se reflete no *Liber Exceptionum*, uma obra muito pouco conhecida que esteve mesclada durante séculos com o *Didascalion* de Hugo de São Vítor.

Dentro do século XII e por causa de um projeto de investigação sobre o neoplatonismo, pude conhecer mais de perto os mestres de Chartres, dos quais suspeitava de tendências panteístas, antes de estudá-los diretamente. Surpreendeu-me, por exemplo, a competência científica de Thierry de Chartres que exigia de seus alunos um nível muito alto em todas as artes liberais – também o *quadrivium* – e que se atreveu a comentar o *hexaameron secundum physicam*, fazendo compatível a ciência de seu tempo com a verdade revelada, sem forçar os distintos âmbitos do saber.

Outra novidade para mim foi Joaquim de Fiore, pois o estudo do contexto histórico me levou a matizar, em uma série de aspectos, a opinião que antes tinha. Compreendi a importância de distinguir entre o próprio Joaquim, com sua peculiar exegese bíblica, e as distintas correntes joaquinitas com suas interpretações às vezes exageradas. Finalmente, conheci melhor o próprio Santo Tomás, a quem sempre me havia dedicado de modo preferencial. Ao retomar os mesmos textos de antes, mas agora com uma base histórica, consegui penetrar com mais matizes em seu conteúdo e aprendi a identificar as interpretações posteriores dos tomistas<sup>3</sup>.

Com estes exemplos quero mostrar que o primeiro modo e, talvez, o mais importante de historiar a teologia, é enfocar os teólogos mais relevantes, situando-os em seu contexto, e atentar também para a recepção de sua obra tendo em conta as características de lugares e épocas que podem sofrer um enriquecimento ou uma visão reducionista, ou inclusive uma distorção dos textos originários.

## B) O ESTUDO TEMÁTICO

A História da teologia como disciplina pode ser abordada, também, segundo o tratamento dos diversos temas no decurso do tempo, sem perder

---

<sup>3</sup> Redundam muito úteis as investigações sobre o tomismo, de recente publicação: BERGER, D. *In der Schule des hl. Thomas von Aquin*. Studien zur Geschichte des Thomismus. Bonn: Nova & Vetera, 2005; BERGER, D. VIJEN, J. (Hgg.), *Thomistenlexikon*. Bonn: Nova & Vetera, 2006.

de vista os teólogos que os elaboravam. É uma oportunidade de dar voz a autores pouco conhecidos, mas que ajudam a ilustrar ou perfilhar um tema.

Um dos temas de maior interesse é, sem dúvida, o estatuto científico da teologia, incluída a história do mesmo termo “teologia”. O século XII, por exemplo, é uma época chave de discernimento, quando a palavra *theologia* se entende umas vezes segundo o esquema boeciano como conhecimento natural das realidades imateriais; outras vezes, a palavra se aplica à Revelação mesma (como *vera et sancta theologia*), ou então se designa como teólogos por excelência São João e o Pseudo-Dionísio.

É uma busca terminológica que se reflete nos mestres de Chartres, em Ricardo de São Vítor e na *Theologia scholarium* de Abelardo, para nomear só alguns. Chenu, consciente desta evolução, dizia que nesse século a teologia era antes *ars fidei*, com características de disciplina, mas já muito próxima a ser *scientia*<sup>4</sup>. Com efeito, como mostrou Markus Enders, a progressiva entrada de novas fontes aristotélicas no Ocidente contribuiu para o esforço de conferir à teologia um estatuto científico que alcançaria uma cota decisiva na plena escolástica<sup>5</sup>.

Mas o caminho da teologia até se constituir “em um verdadeiro e próprio saber científico”<sup>6</sup> é longo, com seus caminhos de encontros e desencontros entre fé e razão. Sua trajetória continua e o estudo histórico desse percurso traz luzes novas para o futuro. A proposta do Aquinate sobre a *sacra doctrina* como ciência poderia aportar uma luz sobre o condicionamento histórico da teologia. Quanto a seus princípios, diz, é uma ciência inferior à ciência de Deus e dos bem-aventurados<sup>7</sup>.

À primeira vista, esta afirmação poderia parecer uma curiosidade epistemológica do século XIII, de difícil assimilação fora da escolástica, mas à luz dos fatos históricos se revela como uma idéia guia, porque incide no caráter peculiar de teologia e justifica seu estatuto científico, ao mesmo tempo em que o condiciona. Reflete, com efeito, a grandeza desta ciência quanto a seus princípios e, concomitantemente, sua limitação ao ser cultivada por

---

<sup>4</sup> CHENU, M.-D. *La théologie au douzième siècle*. Paris: Vrin, 1966, p. 329.

<sup>5</sup> ENDERS, M. “Zur Bedeutung des Ausdrucks «theologia» im 12. Jahrhundert und seinen antiken Quellen”, OLSZEWSKI, M. (ed.). *What is Theology in the Middle Ages? Religious Cultures of Europe (11<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> Centuries) as reflected in their Self-Understanding*. Münster: Aschendorff Verlag, 2007, pp. 19-37. O estudo de Enders fazia parte das conferências apresentadas no congresso internacional da “Internationale Gesellschaft für Theologische Mediävistik” sobre o tema “¿Qué es teología en la Edad Media?”, que teve lugar em Varsóvia, de 23 a 26 de junho de 2004.

<sup>6</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Donum veritatis*: Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo (24.05.1990), n. 9.

<sup>7</sup> Cfr. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *STh*. I, q1, a2, c.

mentes humanas; assinala também seu perfil provisional com vistas ao fim, quer dizer, em seu trajeto histórico até que seja suplantada pela contemplação direta de Deus, de que gozam já os bem-aventurados.

A primeira questão da *Summa Theologiae*, não sendo o único lugar onde Santo Tomás enfrenta este tema, é sem dúvida um marco no caminho da teologia como ciência. Por outro lado, está claro que sua aportação não é exaustiva e que existem valiosas alternativas dentro do próprio Medievo, como as que encontramos em São Boaventura e no Beato Duns Escoto<sup>8</sup>.

A evolução do estatuto científico da teologia pode ser investigado também estudando as sumas, desde seus antecedentes no século XII até a plena escolástica. Com efeito, cada um destes compêndios se baseia em um determinado modo de entender a teologia e reflete também a discussão sobre o caráter especulativo e prático da teologia; refiro-me à formulação contrastante de Santo Tomás e de São Boaventura, que obedece a pressupostos filosóficos divergentes.

A propósito dos compêndios, me surpreendeu muito o rumo que tomaram, na baixa escolástica, os comentários às Sentenças, como demonstra uma recente investigação dirigida por Gillian R. Evans, professora da Universidade de Cambridge<sup>9</sup>. Vê-se que, nos séculos XIV e XV, o texto de Pedro Lombardo não se “comentava” realmente, mas sim se convertia com frequência em colóquio para discutir determinados temas filosóficos e teológicos, como o estatuto científico da teologia ou as questões da ciência divina e da predestinação; por esse motivo se havia estendido enormemente o tratado de Deus, deixando pouco espaço para o conteúdo restante da fé e para questões de moral.

Este procedimento começa com João Duns Escoto e Guilherme de Ockham e afeta praticamente todos os comentários às Sentenças nesses séculos. Gabriel Biel, consciente desta unilateralidade, buscava depois o equilíbrio no tratamento dos temas em seu *Collectorium* (1498), sem deixar de professar sua admiração pelo *Inceptor*<sup>10</sup>.

Isso não são apenas puros dados, mas denota o rumo que havia tomado a teologia acadêmica, pois em paralelo à inflação das discussões escolásticas minguaram os comentários à Sagrada Escritura, salvo a importante glosa de Nicolau de Lira. Neste ponto, toco um *desideratum* da história da teologia, pois

---

<sup>8</sup> Cfr. SARANYANA, J.I. “La polémica parisina sobre la condición científica de la Teología (1250-1270)”, G. ARANDA, C. BASEVI, C. Y J. CHAPA, J. (dirs.). *Biblia, exégesis y cultura*. Estudios en honor del Prof. D. José María Casciaro. Pamplona: Eunsa, 1994, pp. 659-678.

<sup>9</sup> EVANS, G.R. (ed.). *Mediaeval Commentaries on the «Sentences» of Peter Lombard*. Current Research, Volume I. Leiden-Boston-Köln: Brill, 2002.

<sup>10</sup> Cfr. REINHARDT, E. *Por las rutas del saber medieval*, pp. 197-216.

é evidente que os comentários bíblicos medievais receberam, no entanto, pouca atenção na investigação histórico-teológica, com exceção do extenso estudo de Henri de Lubac sobre a exegese medieval<sup>11</sup> e de alguns trabalhos de autores mais recentes.

Fica pendente, por exemplo, estudar a transmissão do *corpus paulinum* por parte dos teólogos medievais e modernos, em concreto a Carta aos Romanos que, como já demonstrou Denifle<sup>12</sup>, foi muito comentada ao longo da Idade Média, quer dizer já antes de Martinho Lutero a estudar. No caso do Aquinate, se difundiram muito antes as obras sistemáticas que os comentários bíblicos, imprescindíveis para a visão de conjunto de sua doutrina; é um fato que se reflete também na marcha das edições e traduções.

Entre os trabalhos temáticos na história da teologia, e em estreita relação com a epistemologia, está a questão do método. Neste aspecto, é emblemático o estudo do método escolástico por Martin Grabmann, que continua sendo uma obra de consulta válida pela seriedade científica com que se fez<sup>13</sup>. Por outro lado, a consideração histórica do método costuma formar parte dos tratados e manuais de Teologia dogmática e de Teologia moral.

O enfoque temático está presente também nos simpósios de Teologia Histórica que organiza a Faculdade de Teologia de Valência desde os anos 80<sup>14</sup>, e muitas obras coletivas como a volumosa *Festschrift* dedicada a Michael Schmaus de 1957, voltada quase por inteiro à história da teologia<sup>15</sup>.

### C) RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DOS DOGMAS

A história da teologia se entrecruza também com outra disciplina aparentada, a história dos dogmas. Esta, no entanto, tem um objeto específico, enquanto investiga o caminho histórico dos dogmas e, em geral, da doutrina revelada. Ainda que sempre se levasse em conta a gênese histórica dos dogmas, a *Dogmengeschichte* – como se sabe – nasce propriamente no século XIX e tem seus próprios avatares, os quais não cabe comentar neste contexto.

---

<sup>11</sup> DE LUBAC, H. *Exégèse médiévale: les quatre sens de l'Écriture*. Paris: Aubier, 1959-1964, 4 vols.

<sup>12</sup> DENIFLE, H. *Die abendländischen Schriftausleger über Justitia Dei (Rom. 1, 17) und Justificatio*. Mainz: Kirchheim, 1905.

<sup>13</sup> GRABMANN, M. *Die Geschichte der scholastischen Methode*. Graz: Akademische Druck- und Verlagsanstalt, 1957, 2 vols.

<sup>14</sup> Na Faculdade de Teologia São Vicente Ferrer - Valência vêm-se celebrando regularmente, desde 1980, simpósios de Teologia histórica, cujas atas estão publicadas pela mesma Faculdade.

<sup>15</sup> AUER, J. - VOLK, H. (Hg.). *Theologie in Geschichte und Gegenwart*. Michael Schmaus zum sechzigsten Geburtstag. München: Zink, 1957.

Joseph Ratzinger, na época de sua docência na Universidade de Tubinga e depois de assistir como perito no Concílio, enfrentou em várias publicações a relação entre dogma e história. Analisa o modo em que o historicismo afetou a teologia, com manifestações diferentes na teologia católica e na protestante, devido a uma maneira muito distinta de entender a Tradição; isso, logicamente, levava consigo um modo diferente – contraposto, inclusive – de conceber a história dos dogmas. Este trabalho de análise e reflexão desemboca na proposta de uma relação equilibrada entre história e dogma, e como há de se entender sobre esta base a “história dos dogmas”<sup>16</sup>.

#### D) NA LINHA DA HISTÓRIA DA IGREJA

Os enfoques para historiar a teologia que apontei não são os únicos, pois cabe estudá-la também na linha dos principais acontecimentos da história da Igreja. Como disciplina científica, a História da Igreja tem muito com o que contribuir para a História da teologia e dos dogmas, mas também tem um *status* próprio por seu objeto e seu método. Onde podemos colocar a História da Igreja em relação à teologia?

Para responder a esta pergunta, remeto ao XVI Simpósio Internacional desta Faculdade, em 1995, com o título “*Qué es la Historia de la Iglesia?*”<sup>17</sup>. Nessa reunião científica se debateu amplamente sobre se é História, ou Teologia, ou ambas. Parece-me que o debate sempre ficará em aberto, porque os aspectos fixos são unicamente a origem divina e a natureza da Igreja, que o historiador não pode ignorar, sobretudo, na fase hermenêutica de seu trabalho.

### 3. A HISTÓRIA NA TEOLOGIA

Até agora consideramos o caminho histórico da teologia, de certo modo, a partir de fora dela. Mas, qual é o lugar da história no interior da teologia, quer dizer, no próprio trabalho do teólogo que, nas palavras da Instrução

---

<sup>16</sup> RATZINGER, J. *Natura e compito della Teología*. Il teologo nella disputa contemporanea. Storia e dogma. Milano: Jaka Book, 2005. O tema de história e dogma é tratado particularmente nas pp. 107-142; as publicações correspondentes, aqui reproduzidas em italiano, são: *Das Problem de Dogmengeschichte in der Sicht der katholischen Theologie*. Köln-Opladen: Westdeutscher Verlag, 1966; "Zur Frage der Geschichtlichkeit der Dogmen", SEMMELROTH, O., HAUBST, R., RAHNER, K. (Hgg.), *Martyria, Leiturgia, Diakonia*. Festschrift für Hermann Volk zum 65. Geburtstag, Ostfildern: Grünewald, 1968, pp. 59-70.

<sup>17</sup> SARANYANA, J.I., DE LA LAMA, E., LLUCH-BAIXAULI, M. (eds.), *¿Qué es la Historia de la Iglesia?*. Actas del XVI Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra. Pamplona: Eunsa, 1996.

*Donum veritatis*, está chamado a alcançar “uma compreensão cada vez mais profunda” da Revelação divina<sup>18</sup>?

Esta pergunta nos remete às fontes da teologia – mais em concreto aos lugares teológicos em sua elaboração sistemática – e à metodologia. É obrigatório recordar Melchor Cano que, como se sabe, foi o primeiro a incluir a “história humana” – assim se expressa – entre os *loci theologici*. Esta novidade surgia seguramente do interesse pela história entre os humanistas e da polêmica com o protestantismo. Mas a novidade era realmente o enquadramento sistemático. É certo que o interesse dos teólogos pela história vinha de mais longe, mas faltava a ferramenta científica e o método de verificação histórica.

Com efeito, já em Santo Tomás encontramos a preocupação pela história. Há mais de quarenta anos, Max Seckler chamou a atenção sobre a mentalidade histórica do Aquinate, que se manifesta, mais que em uma justificação teórica, no modo prático de proceder, algo nada comum em seu tempo: recorrer diretamente às fontes, discernir a autenticidade ou não de uma obra mediante uma documentação crítica, estabelecer o *status quaestionis* de um tema antes de enfrentá-lo, buscar a *intentio auctoris* por detrás das palavras, atender a questões de estilo e o *modus loquendi* e finalmente contar com a historicidade mesma do ser humano<sup>19</sup>.

Anos depois, Leo Elders retomou este tema numa comunicação no simpósio “*Qué es la Historia de la Iglesia?*” que mencionei antes. Adverte Elders que a solução epistemológica que Tomás dá à teologia como ciência inferior à ciência divina permite estudar cientificamente acontecimentos individuais da história da salvação, porque Deus conhece com certeza infalível o que é contingente em nosso mundo. Assim, a história da salvação pôde ser integrada no plano mesmo da *Summa theologiae*, se atendemos à sua estrutura<sup>20</sup>.

Outro tomista contemporâneo – Jean-Pierre Torrell – vê no Aquinate, ao menos em germe, as atitudes espontâneas e qualidades científicas que se encontram em todo bom historiador, ao mesmo tempo em que lhe concede o mérito de uma verdadeira teologia da história<sup>21</sup>.

Mas voltemos a Melchor Cano. Em sua obra *De locis* critica aqueles teólogos anteriores – dos quais excetua expressamente Santo Tomás – que

---

<sup>18</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Donum veritatis*. Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo (24.05.1990), n. 6.

<sup>19</sup> SECKLER, M. *Das Heil in der Geschichte*. Geschichtstheologisches Denken bei Thomas von Aquin. München: Kösel-Verlag, 1964, pp.21-26.

<sup>20</sup> ELDERS, L. “Historia e historicidad en el pensamiento de Santo Tomás de Aquino”, in *Qué es la Historia de la Iglesia*, pp. 737-746; aquí, p. 745.

<sup>21</sup> Cfr. TORRELL, J.-P. “Le côté historien de Thomas d'Aquin”, *Memoire dominicaine*, 20 (2006), 11-27.

não prestavam suficiente atenção à história<sup>22</sup>. Convém pontuar que Melchor Cano pensava na História Geral, não na História da Igreja, como às vezes se entendeu. É certo que para o mestre salmantino a história, junto com a razão natural, os filósofos e juristas, é um lugar teológico alheio (ou estranho), com um valor de pura probabilidade, frente aos sete lugares próprios cujos valores argumentativos vão da infalibilidade até a probabilidade.

Mas, como destacou Bernhard Körner, quando Cano concede apenas um valor de probabilidade à história, o faz do ponto de vista aristotélico do objeto do conhecimento científico que trabalha com a necessidade por evidência ou demonstração. A *auctoritas humanae historiae* não oferece este tipo de necessidade, mas isso não quer dizer que suas informações sejam inseguras se estão devidamente atestadas, e inclusive chegam a ser *certissima argumenta*.

Para Körner, Melchor Cano amplia a noção aristotélica de ciência, ao admitir como critério de verdade as afirmações históricas apoiadas em uma certeza moral qualificada e o teólogo deve trabalhar com elas<sup>23</sup>. É certo que Cano se encontra em continuidade com Tomás de Aquino, observa Körner, mas também se distingue dele enquanto estabelece a história como lugar teológico e porque inclui a verdade histórica na argumentação teológica<sup>24</sup>.

Com isso, se abria formalmente a porta para que a história pudesse entrar no método da teologia. Não poderia prever o mestre salmantino os avatares posteriores do método histórico no trabalho teológico. Com efeito, a aplicação do método histórico, depois de entrar muito paulatinamente na teologia, produziu em seu momento os conhecidos conflitos na crise modernista. E depois de ficar a história reduzida quase ao silêncio na teologia, se fez presente novamente com força em meados do século XX, se pensamos na problemática surgida em torno de Le Saulchoir e Fourvière.

Depois, o Concílio Vaticano II concedeu título de cidadania à história na formação do teólogo, como se vê no decreto *Optatam totius*<sup>25</sup>. Também a

---

<sup>22</sup> MELCHOR CANO. *De locis theologicis*, XII, 2; cfr. BELDA PLANS, J. *La Escuela de Salamanca y la renovación de la teología en el siglo XVI*. Madrid: BAC, 2000, p. 571.

<sup>23</sup> Cfr. KÖRNER, B. “Die Geschichte als locus theologicus bei Melchior Cano”, *Rivista teologica di Lugano*, 5 (2004), 257-269; aqui, 263-269. Körner se baseia, sobretudo, em *De locis*, livro XI, capítulos 2, 4 e 7.

<sup>24</sup> KÖRNER, B. *Ibid.*, 264.

<sup>25</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Decl. *Optatam totius*, n.16: “Ordene-se a teologia dogmática de forma que, antes de tudo, se proponham os temas bíblicos; exponha-se logo aos alunos a contribuição que os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente aportaram à fiel transmissão e compreensão de cada uma das verdades da Revelação, e a história posterior do dogma, considerada inclusive em relação com a história geral da Igreja (...). Renovem-se igualmente as demais disciplinas teológicas por um contato mais vivo com o mistério de Cristo e a história da salvação.

Instrução *Donum veritatis* se pronunciava a respeito: “as ciências históricas são necessárias para os estudos do teólogo devido, sobretudo, ao caráter histórico da Revelação, que nos foi comunicada em uma “história da salvação”<sup>26</sup>.

Não pretendo entrar na discussão sobre o método histórico na teologia. Apenas faço referência ao testemunho do teólogo dogmático Walter Kasper: em um artigo de 1985 afirma que se sente “diletante” em História, mas no sentido etimológico de *dilectio*, porque “seria um mau teólogo sistemático aquele que não fosse ao mesmo tempo um amante da história”, e retoma uma comparação de Ignaz Döllinger, que falava de “os dois olhos da teologia, o histórico e o filosófico-especulativo”.

O pensamento histórico, seguia Walter Kasper, já não é um terreno exclusivo da disciplina de História da Igreja, mas uma dimensão e um núcleo de todas as disciplinas teológicas, também da Dogmática, de modo que já não há um dogmático sério que não tenha trabalhado pessoalmente com História (Teologia bíblica, patrística, escolástica ou moderna) e que não leve em conta constantemente, em seu próprio trabalho sistemático, os resultados da investigação nestas matérias<sup>27</sup>.

Com efeito, todos os renomados teólogos sistemáticos têm trabalhos de história ou desenvolvimentos históricos em seus escritos. Limito-me a alguns exemplos: em primeiro lugar, Joseph Ratzinger, agora Bento XVI; também Michael Schmaus, Karl Rahner, Yves-Marie Congar, Leo Scheffczyk e se poderia citar muitos outros. De modo mais próximo, posso me referir aos teólogos dogmáticos e moralistas de minha própria Faculdade, como mostram os abundantes estudos histórico-teológicos do eclesiólogo Pedro Rodríguez<sup>28</sup>, os trabalhos dos professores José Luis Illanes e César Izquierdo, a edição crítica da eclesiologia de Mancio, do professor Augusto Sarmiento, entre outros.

A propósito das edições críticas quero destacar que são instrumento importante no trabalho teológico, porque permitem contar com textos confiáveis e situados em seu contexto. Além disso, uma edição crítica implica em muito mais que estabelecer o texto mais fiel ao original; é, ao mesmo tempo, um catalisador para toda uma série de investigações e publicações sobre o contexto do autor e da obra.

---

<sup>26</sup> Instrução *Donum veritatis*, n. 10; cfr. n. 24.

<sup>27</sup> KASPER, W. “*Kirchengeschichte als historische Theologie*”, RQ (80/1985), 174-188; aqui, 176-177.

<sup>28</sup> Pode-se ver o artigo: SARANYANA, J.I. “*Pedro Rodríguez, historiador de la teología*”. In VILLAR, J.R. (ed.). *Communio et Sacramentum: en el 70 cumpleaños del Prof. Dr. Pedro Rodríguez*. Pamplona: Eunsa, 2003, pp. 221-236.

Todos os grandes projetos de edição levam consigo essas investigações particulares que se submetem depois à discussão em colóquios e congressos, como se pode observar na edição das obras de Hugo de São Vítor, Joaquim de Fiore, Alberto Magno e também na *Editio leonina* de Santo Tomás, para citar somente algumas destas iniciativas.

A este propósito posso trazer um exemplo próximo a minha experiência. Nos anos 80 o Prof. Pedro Rodríguez iniciou uma linha de investigação na minha Faculdade, para estudar a teologia eclesiológica e sacramentária do Catecismo Romano. Era consciente da importância de fixar o texto, comparando as edições, e estudar as fontes antes de enfrentar a investigação propriamente teológica; este trabalho prévio se reflete em uma ampla monografia<sup>29</sup>.

Nesse momento se desconhecia por completo o manuscrito original do Catecismo Romano, cuja existência se supunha, mas que ninguém havia podido localizar. O Prof. Rodríguez teve a sorte, em 1985, de identificar o manuscrito definitivo durante suas investigações na Biblioteca Vaticana, que realizava junto com um colega seu, Raúl Lanzetti<sup>30</sup>. O achado deu chance para empreender uma edição crítica por parte de uma equipe sob a direção de Pedro Rodríguez<sup>31</sup>. Em torno da primeira monografia e da edição crítica surgiram muitas investigações particulares e teses doutorais, entre as quais se destaca por seu interesse histórico um estudo sobre os motivos do atraso – de dois séculos – em introduzir este Catecismo na Espanha<sup>32</sup>. A série de trabalhos que se realizaram nessa ocasião é uma mostra clara da conjunção frutífera entre dogmática e história.

#### 4. RELAÇÃO COM A TEOLOGIA DA HISTÓRIA

Falamos da Teologia na história e da História na teologia. Entretanto, falta um aspecto, que só vou mencionar: a teologia da história. E o faço com um exemplo, que é a tese de habilitação do então Dr. Joseph Ratzinger sobre a Teologia da história em São Boaventura, que já teve cinco edições (alemão,

---

<sup>29</sup> RODRÍGUEZ, P. & LANZETTI, R. *El Catecismo Romano: fuentes e historia del texto y de la redacción*. Pamplona: Euns, 1982, p. 15.

<sup>30</sup> Sobre a narrativa da descoberta, ver RODRÍGUEZ, P. “*El manuscrito original del Catecismo Romano*”. *Scripta Theologica* (17/1985), 487-552.

<sup>31</sup> *Catechismus Romanus seu Catechismus ex Decreto Concilii Tridentini ad Parochos Pii Quinti Pont. Max. iussu editus, editioni praeiit Petrus Rodríguez, eam instruendam atque apparandam item curaverunt Ildephonsus Adeva, Franciscus Domingo, Radulfus Lanzetti et Marcellus Merino*. Città del Vaticano - Pamplona: Libreria Editrice Vaticana – Euns: 1989.

<sup>32</sup> RODRÍGUEZ, P. *El Catecismo Romano ante Felipe II y la Inquisición española*. Los problemas de la introducción en España del Catecismo del Concilio de Trento. Madrid: Rialp, 1998.

duas em inglês, italiano e espanhol). No prólogo à edição alemã (1959) explica o autor seu próprio processo intelectual neste tema: “A origem desta investigação e seu ponto de partida foi a pergunta pelo conceito de revelação em São Boaventura. Mas quanto mais me ocupava disso, tanto mais claro aparecia que não se pode alcançar uma compreensão completa da teoria do conhecimento teológico do grande Mestre escolástico, sem uma explicação simultânea de sua teologia da história”<sup>33</sup>.

Por causa de sua investidura como *Doctor honoris causa* na Universidade de Navarra rememorou esses inícios de sua carreira acadêmica na Alemanha, onde era indispensável começar por uma fase de investigação histórico-teológica<sup>34</sup>. É claro que a penetração científica na obra de São Boaventura, combinando o método historiográfico e a reflexão teológica, forneceu a Joseph Ratzinger as bases para relacionar adequadamente verdade e história como instâncias não contrapostas, antes complementares; em outras palavras, o levou a descobrir a história como “mestra” da teologia<sup>35</sup>.

Por isso a leitura atenta desta monografia “boaventuriana” oferece um horizonte mais amplo do que o de uma investigação *ad casum*, porque se encontram nela as chaves para desenvolver uma verdadeira teologia, que faça justiça a seu caráter atemporal e a sua necessária temporalidade. Com efeito, nela a reflexão teológica encontra seu complemento histórico em todos os seus aspectos: história da teologia, história dos dogmas, teologia da história e também da Igreja no que se refere aos contextos.

## 5. CONCLUSÃO.

Ao final destas considerações sobre teologia e história, quero evocar algumas palavras de João Paulo II na encíclica *Fides et Ratio*:

“A verdade que a revelação nos dá a conhecer não é o fruto maduro ou o ponto culminante dum pensamento elaborado pela razão. Pelo contrário, aquela se apresenta com a característica da gratuidade, obriga a pensá-la, e pede para ser acolhida, como expressão de amor”<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> RATZINGER, J. *Die Geschichtstheologie des heiligen Bonaventura*. München: Schnell & Steiner, 1959, Prolog. Na edição espanhola: *La teología de la historia de san Buenaventura*. Madrid: Ediciones Encuentro, 2004, p. 11.

<sup>34</sup> *El Cardenal Ratzinger en la Universidad de Navarra: discursos, coloquios y encuentros: crónica de cinco días, 30 de enero a 3 de febrero de 1998*. Pamplona: Facultad de Teología, Universidad de Navarra, 1998, p. 52.

<sup>35</sup> Cfr. BLANCO SARTO, P. *Joseph Ratzinger. Vida y teología*. Madrid: Rialp, 2006, pp. 89-94.

<sup>36</sup> JOÃO PAULO II. Encíclica *Fides et ratio* (14.09.1998), n. 15.

Neste processo de acolhida vital do dom da revelação podemos situar a teologia. Uns anos antes da encíclica, a Instrução *Donum veritatis* (assinada pelo então prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger), dizia que o teólogo é uma das vocações suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja, para:

“alcançar, em comunhão com o Magistério, uma compreensão cada vez mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja”<sup>37</sup>.

Esta compreensão “cada vez mais profunda” da revelação implica progressão, não apenas intelectual, mas também vital e comunicativa. Sobre o resultado deste processo diz a mesma Instrução: “Ao longo dos séculos a teologia se constituiu progressivamente em um verdadeiro e próprio saber científico”<sup>38</sup>.

Sobre a Revelação que gera pensamento, acrescentava João Paulo II:

“Essa verdade revelada é a presença antecipada na nossa história daquela visão última e definitiva de Deus, que está reservada para quantos acreditam Nele ou O procuram de coração sincero”<sup>39</sup>.

É fácil relacionar esta afirmação com a noção da teologia como ciência que encontramos em Santo Tomás, como participação temporal da ciência de Deus e dos bem-aventurados, cultivada por aqueles que caminham no tempo e se dirigem à meta supratemporal. João Paulo II acrescentava: “O fim último da existência pessoal é objeto de estudo quer da filosofia, quer da teologia”<sup>40</sup>. Precisamente este ponto é chave no pensamento filosófico e teológico do Aquinate e se percebe também na estrutura da *Summa Theologiae*, particularmente na parte moral.

Penso que a ciência histórica não tem apenas um papel instrumental na teologia, o de verificar com exatidão o passado, mas também que é capaz de mostrar o passado de tal modo que dele surjam novas luzes para o presente. Não se trata de “reviver” o passado – que seria tradicionalismo – nem de

---

<sup>37</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Donum veritatis*. Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo (24.05.1990), n. 6.

<sup>38</sup> *IBID.*, n. 9.

<sup>39</sup> JOÃO PAULO II. Encíclica *Fides et ratio* (14.09.1998), n. 15.

<sup>40</sup> *IBID.*



transladar o passado para novos contextos – isso seria anacronismo -, mas de refletir sobre os textos e os fatos, deixando que nos sugiram algo que nunca havíamos pensado ou que não havíamos visto com suficiente clareza.

Neste sentido, a verdade histórica influi no presente, está implicada no processo de “gerar pensamento”, que é característico da Revelação, mas a verdade do gerado dependerá de ter acolhido adequadamente a revelação “como expressão de amor”, com as manifestações práticas expostas também na Instrução *Donum veritatis*.

Compreender-se-á que não pretendi abarcar um tema tão amplo como prometia o título. Deixemo-lo com umas reflexões sobre minha breve experiência com o trabalho histórico-teológico.

Elisabeth Reinhardt  
Departamento de Teologia Histórica  
Faculdade de Teologia  
Universidade de Navarra  
Pamplona (Espanha).